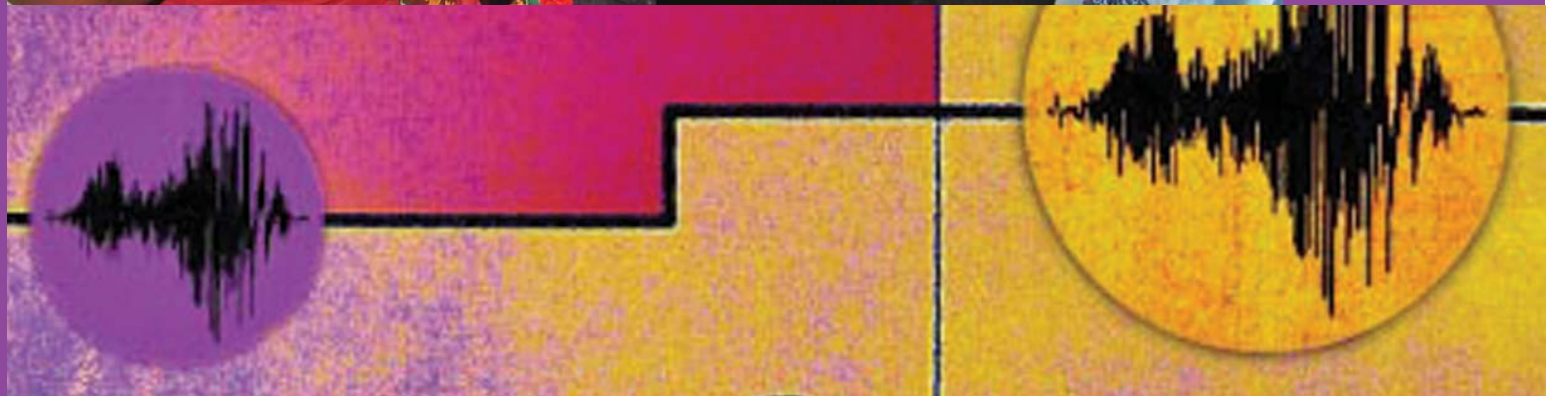


# Estudo de Progresso do Género e Comunicação Social na África Austral

Moçambique





A Gender Links (GL) é uma ONG da África Austral comprometida com uma região em que as mulheres e os homens são capazes de participar igualmente em todos os aspectos da vida pública e privada de acordo com o articulado no Protocolo da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) sobre Género e Desenvolvimento.

Estudo de Progresso da Comunicação Social na África Austral - Moçambique

© Direitos do Autor 2010 Gender Links.

Gender Links  
Avenida Derrick, 9  
Cyrildene, 2198  
Johannesburg, África do Sul  
Tel.: 27 (11) 622 2877  
Fax: 27 (11) 622 4732  
Email: [mediaprog@genderlinks.org.za](mailto:mediaprog@genderlinks.org.za)  
Website: [www.genderlinks.org.za](http://www.genderlinks.org.za)

Editor: Eduardo Namburete

Foto de Capa: Repórter do Savana colhendo a opinião de uma mulher na cidade de Maputo.

Fotografia de: Mercedes Sayagues

Desenho e paginação: Top Art Graphics & Promotions

Patrocinadores: UKAid através do Departamento para o Desenvolvimento Internacional (DFID) do Governo do Reino Unido, Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional (ASDI)

Os pontos de vista aqui expressos são da Gender Links e, portanto, não podem, de nenhuma maneira serem tomados como reflectindo a opinião oficial da UKAid ou ASDI.

O Estudo de Progresso da Comunicação Social (GMPS) é uma sequência do Estudo Básico sobre Género e Comunicação Social (GMBS) realizado pela Gender Links (GL) e organizações parceiras em 2003. O GMPS também baseou-se no Estudo Básico sobre HIV e SIDA e Género realizado como parte do Estudo Básico de HIV e SIDA, Género e Comunicação Social em 2006, bem como o Estudo sobre Género e Comunicação Social Francófono de 2008, que se apoiou em alguns elementos dos dois estudos.

A Gender Links (GL) trabalhou com a Rede de Género e Comunicação Social da África Austral (GEMSA) e o Instituto de Comunicação Social da África Austral (MISA) neste estudo. Os parceiros conceituaram a pesquisa e colaboraram na selecção e formação dos chefes das equipas para a pesquisa no país. A GL coordenou e administrou a pesquisa e escreveu os rascunhos dos relatórios. Os parceiros colaboraram na realização dos encontros de consulta regional em todos os 14 países que participaram no estudo, de Agosto a Setembro de 2010, antes do lançamento do relatório na Quarta Cimeira sobre Género e Comunicação Social em Outubro de 2010.

Eduardo Namburete, professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), conduziu a pesquisa em Moçambique, liderando uma equipa de monitores formada por estudantes do curso de Jornalismo da UEM, nomeadamente, Ana Otília Charles, Armando Machai, Fernando Matico, Gilberto Guibunda, Gilberto Nhandumbo, José P. Tembe, Teodora Martins, e foi responsável pela redacção e edição do relatório final.

A Directora Executiva da GL, Colleen Lowe Morna, a Directora-Adjunta, Kubi Rama e o gestor de Políticas e Pesquisas de Comunicação, Dumisani Gandhi (que deixou a GL logo depois da conclusão da monitoria) supervisaram a pesquisa, a análise de dados, a redacção do relatório e as consultas no país.

Thabani Mporfu (Gestor do Programa de Comunicação da GL); Sikhonzile Ndlovu (Gestora de Treinamento em Comunicação Social); Saeanna Chingamuka (Coordenadora do Centro de Diversidade do Género e Comunicação Social-GMDC) e Shehnaaz Bulbulia (uma pesquisadora e formadora independente) editaram os estudos de caso. Os estagiários da GL Albert Ngosa do Instituto de Comunicação Social da Zâmbia (ZAMCOM); Emsie Erastus da Politécnica da Namíbia, Tarisai Nyamweda da Universidade Nacional de Ciência e Tecnologia do Zimbabwe (NUST) e Shervan Rama apoiaram na monitoria, exportando e juntando os dados regionais. Lukhanyo Nyati da Ukhanyo Research and Consulting levou a cabo a análise de dados.

Estamos profundamente gratos a UKAid através do Departamento para o Desenvolvimento Internacional (DFID) bem como a Agência Sueca para o Desenvolvimento internacional (ASDI) por financiar a pesquisa e a edição do relatório.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AED</b>	Academia para o Desenvolvimento Educacional
<b>ARV</b>	Anti-retroviral
<b>CADRE</b>	Centro para o Desenvolvimento, Pesquisa e Avaliação do SIDA
<b>FES</b>	Frederich Ebert Stiftung
<b>GEMSA</b>	Rede do Género e Comunicação Social da África Austral
<b>GL</b>	Gender Links
<b>GMAS</b>	Estudo de Audiência do Género e Comunicação Social
<b>GMBS</b>	Estudo Básico de Género e Comunicação Social
<b>GMMP</b>	Projecto de Monitoria da Comunicação Social
<b>GMPS</b>	Estudo de Progresso de Género e Comunicação Social
<b>HIV</b>	Síndrome de Imunodeficiência Humana
<b>IFJ</b>	Federação Internacional de Jornalistas
<b>IWMF</b>	Federação Internacional das Mulheres na Comunicação Social
<b>MAP</b>	Plano e Acção da Comunicação Social
<b>MISA</b>	Instituto da Comunicação Social da África Austral
<b>MMP</b>	Projecto de Monitoria da Comunicação Social
<b>MWO</b>	Organização de Observação da Comunicação Social
<b>NGOs</b>	Organizações Não-governamentais
<b>OIT</b>	Organização Internacional do Trabalho
<b>RDC</b>	República Democrática do Congo
<b>SADC</b>	Comunidade de Desenvolvimento da África Austral
<b>SAEF</b>	Fórum dos Editores da África Austral
<b>SAFAIDS</b>	Serviço de Disseminação de Informação sobre HIV e SIDA da África Austral
<b>SAGEM</b>	Rede do Género e Comunicação Social da África do Sul
<b>SAPA</b>	Associação de Imprensa da África do Sul
<b>SIDA</b>	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
<b>STV</b>	Soico TV
<b>TIM</b>	Televisão Independente de Moçambique
<b>TVM</b>	Televisão de Moçambique
<b>UNAIDS</b>	Programa das Nações Unidas para o HIV/SIDA
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
<b>UNGASS</b>	Assembleia Geral das Nações Unidas sobre HIV/SIDA
<b>ZAMCOM</b>	Instituto de Comunicação Social da Zâmbia

Agradecimentos	1
Siglas e Abreviaturas	2
Sumário Executivo	5

## Capítulos

Capítulo um: Introdução	11
Capítulo dois: Práticas gerais da comunicação social	23
Capítulo três: Género na comunicação social	31
Capítulo quatro: Género nas redacções	43
Capítulo cinco: Violência de género e comunicação social	49
Capítulo seis: HIV e SIDA e comunicação social	55

## Lista de tabelas e gráficos

### Gráficos

Gráfico 2.1:	Tópicos cobertos pela comunicação social - Moçambique	24
Gráfico 2.2:	Topicos cobertos pela comunicação social - região	24
Gráfico 2.3:	Desagregação das estórias por género - Moçambique	24
Gráfico 2.4:	Desagregação das estórias por género - Moçambique e região	25
Gráfico 2.5:	Origem das estórias - Moçambique	25
Gráfico 2.6:	Origem das estórias - Moçambique e região	25
Gráfico 2.7:	Âmbito geográfico das estórias - Moçambique	25
Gráfico 2.8:	Âmbito geográfico das estórias - Moçambique e região	26
Gráfico 2.9:	Fontes primárias e secundárias por órgão de comunicação - Moçambique	26
Gráfico 2.10:	Fontes primárias e secundárias por órgão de comunicação - região	26
Gráfico 2.11:	Fontes anónimas versus fontes identificadas - região	27
Gráfico 2.12:	Fontes anónimas versus fontes identificadas por orgão de comunicação - Moçambique	28
Gráfico 2.13:	Estórias com fontes singulares versus estórias com fontes multiplas - região	28
Gráfico 2.14:	Estórias com fontes singulares versus estórias com fontes multiplas por órgão de comunicação - Moçambique	29
Gráfico 2.15:	Funções da fontes das notícias - Moçambique e região	29
Gráfico 3.1:	Mulheres e homens como fontes de notícias - Moçambique	32
Gráfico 3.2:	Mulheres e homens como fontes de notícias - região	32
Gráfico 3.3:	Mulheres e homens como fontes de notícias GMBS e GMPS - região	33
Gráfico 3.4:	Mulheres e homens como fontes de notícias por órgão de comunicação - Moçambique	33
Gráfico 3.5:	Fontes femininas e masculinas por propriedade do órgão de comunicação - Moçambique	33
Gráfico 3.6:	Fontes femininas e masculinas por propriedade do órgão de comunicação - Moçambique e região	34
Gráfico 3.7:	Quem fala sobre o quê? - Moçambique	34
Gráfico 3.8:	Quem fala sobre o quê? - região	35
Gráfico 3.9:	Fontes por sexo e idade - Moçambique	35
Gráfico 3.10:	Fontes por sexo e idade - região	35
Gráfico 3.11:	Fontes femininas e masculinas por órgão de comunicação - Moçambique	36
Gráfico 3.12:	Fontes femininas e masculinas por órgão de comunicação - região	36
Gráfico 3.13:	Imagens de mulheres e homens nos jornais - Moçambique e região	37
Gráfico 3.14:	Sexo e idade nas imagens dos jornais - Moçambique	37
Gráfico 3.15:	Sexo e idade nas imagens dos jornais - região	37
Gráfico 3.16:	Idade das fontes versus idade nas imagens dos jornais - Moçambique (mulheres)	37
Gráfico 3.17:	Idade das fontes versus idade nas imagens dos jornais - região (mulheres)	38
Gráfico 3.18:	Funções das fontes femininas e masculinas - Moçambique	38
Gráfico 3.19:	Funções das fontes femininas e masculinas - região	38
Gráfico 3.20:	Ocupações das mulheres e homens nas notícias - Moçambique	39
Gráfico 3.21:	Ocupações das mulheres e homens nas notícias - região	39
Gráfico 3.22:	Ocupações das mulheres e homens nas notícias GMBS versus GMPS - Moçambique	40
Gráfico 3.23:	Ocupações das mulheres e homens nas notícias GMBS versus GMPS - região	40
Gráfico 3.24:	Mulheres e homens identificados por etiqueta pessoal - região	41
Gráfico 3.25:	Mulheres identificadas por etiqueta pessoal - região	41

Gráfico 4.1:	Quem reporta na comunicação social - Moçambique	44
Gráfico 4.2:	Quem reporta na comunicação social - região	44
Gráfico 4.3:	Quem reporta sobre o quê - Moçambique	45
Gráfico 4.4:	Quem reporta sobre o quê - região	45
Gráfico 4.5:	Comparando as áreas de cobertura ao longo do período - Moçambique	46
Gráfico 4.6:	Comparando as áreas de cobertura ao longo do período - região	46
Gráfico 4.7:	Quem apresenta - Moçambique e região	47
Gráfico 4.8:	Mulheres na comunicação social e fontes femininas - região	47
Gráfico 4.9:	Mulheres na gestão senior superior e fontes femininas - região	48
Gráfico 4.10:	Proporção de fontes femininas citadas por repórteres femininas na África Austral	48
Gráfico 5.1:	Proporção de histórias sobre VBG vs outras histórias - Moçambique	50
Gráfico 5.2:	Proporção de histórias sobre VBG vs outras histórias - região	50
Gráfico 5.3:	Desagregação do tópico de VBG - Moçambique	51
Gráfico 5.4:	Desagregação do tópico de VBG - região	51
Gráfico 5.5:	Cobertura de VBG por país e por órgão de comunicação	52
Gráfico 5.6:	Quem fala sobre VBG - região	52
Gráfico 5.7:	Quem fala sobre que tópico de VBG - região	53
Gráfico 5.8:	Funções das fontes de VBG - Moçambique	53
Gráfico 5.9:	Funções das fontes de VBG - região	53
Gráfico 5.10:	Quem reporta sobre VBG - Moçambique	54
Gráfico 6.1:	Proporção das histórias de HIV e SIDA comparado com o número total das histórias - Moçambique	56
Gráfico 6.2:	Proporção das histórias de HIV e SIDA comparado com o número total das histórias - região	56
Gráfico 6.3:	Histórias sobre HIV e SIDA por órgão de comunicação - Moçambique	56
Gráfico 6.4:	Histórias sobre HIV e SIDA: GMPS versus estudo sobre HIV e SIDA região	57
Gráfico 6.5:	Tópicos de HIV e SIDA ao longo do período - região	57
Gráfico 6.6:	Sub-tópico de Prevenção - Moçambique e região	57
Gráfico 6.7:	Sub-tópico de Tratamento - Moçambique e região	58
Gráfico 6.8:	Sub-tópicos de Cuidados, Apoio, Direitos - Moçambique e região	59
Gráfico 6.9:	Sub-tópico de Impacto - Moçambique e região	59
Gráfico 6.10:	Tipos de histórias de HIV e SIDA - Moçambique (Mulheres)	59
Gráfico 6.11:	Tipos de histórias de HIV e SIDA - região (Mulheres)	59
Gráfico 6.12:	Origem das histórias de HIV e SIDA - Moçambique	60
Gráfico 6.13:	Origem das histórias de HIV e SIDA - região	60
Gráfico 6.14:	De onde veem as histórias de HIV e SIDA - Moçambique	60
Gráfico 6.15:	De onde veem as histórias de HIV e SIDA - região	61
Gráfico 6.16:	Funções das fontes de HIV e SIDA ao longo do período - Moçambique	61
Gráfico 6.17:	Funções das fontes de HIV e SIDA ao longo do período - região	61
Gráfico 6.18:	Quem fala sobre HIV e SIDA - Moçambique	62
Gráfico 6.19:	Quem fala sobre HIV e SIDA - região	62
Gráfico 6.20:	Quem fala sobre HIV e SIDA por órgão de comunicação - Moçambique	62
Gráfico 6.21:	Quem fala sobre HIV e SIDA ao longo do período - região	62
Gráfico 6.22:	Quem fala sobre HIV e SIDA ao longo do período por órgão de comunicação - Moçambique	62
Gráfico 6.23:	Quem fala sobre que tópico de HIV e SIDA - região	63
Gráfico 6.24:	Pessoas vivendo com o HIV e SIDA - Moçambique	63
Gráfico 6.25:	Pessoas vivendo com o HIV e SIDA - região	63
Gráfico 6.26:	Quem reporta sobre o HIV e SIDA - Moçambique	63
<b>Tabelas</b>		
Tabela um:	Sumário das principais constatações	5
Tabela dois:	Sumário da pesquisa sobre género e comunicação social realizadas pelos parceiros do GMPS	13
Tabela três:	Lista de verificação para a monitoria qualitativa	19
Tabela quatro:	Amostra do GMPS	20
Tabela cinco:	Análise dos órgãos de comunicação monitorados	21
Tabela cinco:	Análise comparativa dos itens de notícias monitorados por órgão de comunicação	21
Tabela sete:	Dias da monitoria	22
Tabela oito:	Media casas que participaram da ação Plano de Mídia sobre HIV / SIDA e género em Moçambique	46

## SUMÁRIO DAS CONSTATAÇÕES EM MOÇAMBIQUE

PRÁTICA GERAL DA COMUNICAÇÃO SOCIAL	GMBS MOÇAMBIQUE	GMPS MOÇAMBIQUE	GMPS REGIONAL	GMMP GLOBAL
<b>Tópicos</b>	%	%	%	%
Economia	N/A	5	12	17
Igualdade do género	N/A	4	1	N/A
Violência do género	N/A	0	1	N/A
Política	N/A	33	19	28
Desporto	N/A	13	18	N/A
<b>Âmbito geográfico das estórias</b>	%	%	%	%
Internacional	N/A	0	22	26
Regional	N/A	25	8	N/A
Nacional	N/A	3	42	N/A
Provincial	N/A	48	18	N/A
Local	N/A	24	10	N/A
<b>Tipos de fontes</b>	%	%	%	%
Fontes primárias	N/A	57	69	N/A
<b>Anonimidade</b>	%	%	%	%
Fontes anónimas	N/A	17	18	N/A
<b>Diversidade das fontes</b>	%	%	%	%
Fontes singulares	N/A	73	67	N/A
<b>GÉNERO E COMUNICAÇÃO SOCIAL</b>	<b>GMBS MOÇAMBIQUE</b>	<b>GMPS MOÇAMBIQUE</b>	<b>2010 GMPS REGIONAL</b>	<b>GMMP GLOBAL</b>
<b>Quem fala</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>
No geral	N/A	14	19	24
Comunicação social privada	N/A	14	19	N/A
Comunicação social pública	N/A	14	20	N/A
Comunicação social comunitária	N/A	4	22	N/A
<b>Quem fala sobre que tópico</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>
Economia	N/A	11	15	21
Educação	N/A	9	24	N/A
Igualdade de género	N/A	26	43	N/A
Violência de género	N/A	33	41	N/A
Estórias sobre política	N/A	11	13	18
Desporto	N/A	3	12	N/A
<b>Sexo das fontes por meio</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>
Imprensa escrita	N/A	12	18	24
Rádio	N/A	10	20	19
Televisão	N/A	20	25	26
<b>Quem é visto</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>
Imagens nos jornais	N/A	15	27	N/A
<b>Idades</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>
35 - 49 anos	N/A	46	37	N/A
50 - 64 anos	N/A	18	20	N/A
65 anos e mais	N/A	0	0	N/A
<b>Idades - imagens</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>
35 - 49 anos	N/A	8	28	N/A
50 - 64 anos	N/A	8	14	N/A
65 anos e mais	N/A	19	4	N/A
<b>Ocupação</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>
Concorrente/passagem de modelo	N/A	50	73	N/A
Negociante	N/A	14	15	14
Membro do governo	N/A	11	14	17
Trabalhador(a) da saúde	N/A	18	27	31
Doméstico(a)	N/A	13	63	72
Político	N/A	7	11	17
Trabalhadora do sexo	N/A	80	62	39

Desportista	N/A	2	8	11			
<b>Identidade pessoal</b>	%	%	%	%			
Percentagem de mulheres	N/A	5	10	N/A			
Percentagem de homens	N/A	1	5	N/A			
<b>GÉNERO NAS REDACÇÕES</b>	<b>GMBS MOÇAMBIQUE</b>	<b>GMPS MOÇAMBIQUE</b>	<b>2010 GMPS REGIONAL</b>	<b>GMMP GLOBAL</b>			
Quem faz o quê	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres			
Todos os repórteres	N/A	18	29	N/A			
Repórteres de TV	N/A	31	42	44			
Apresentadores de TV	N/A	58	58	52			
Repórteres de Rádio	N/A	10	30	37			
Repórteres da imprensa escrita	N/A	16	25	33			
Quem reporta sobre o quê	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres			
Economia	N/A	22	28	40			
Igualdade de género	N/A	22	32	N/A			
Violência de género	N/A	60	38	N/A			
Estórias sobre política	N/A	16	24	33			
Desporto	N/A	18	18	N/A			
<b>Fontes e sexo do(a) repórter</b>		%M	%H	%M	%H	%M	%H
Fontes femininas por sexo do(a) repórter	N/A	26	14	31	15	28	22
<b>VIOLÊNCIA DE GÉNERO E COMUNICAÇÃO SOCIAL</b>	<b>GMBS MOÇAMBIQUE</b>	<b>GMPS MOÇAMBIQUE</b>	<b>2010 GMPS REGIONAL</b>	<b>GMMP GLOBAL</b>			
Estórias de VBG comparado ao total	N/A	2	4	N/A			
Estórias sobre advocacia e protestos	N/A	3	11	N/A			
<b>Quem fala sobre VBG</b>	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres			
% de Mulheres nas estórias sobre ou que mencionam VBG	N/A	22	27	N/A			
<b>Funções das fontes de VBG</b>			%	%			
Vítima/sobrevivente	N/A	6	19	N/A			
Alegado perpretador /perpretador	N/A	2	11	N/A			
<b>Quem reporta sobre VBG</b>	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres			
Percentagem de mulheres repórteres	N/A	13	35	N/A			
<b>GÉNERO, HIV E SIDA E COMUNICAÇÃO SOCIAL</b>	<b>ESTUDO 2006 MOÇAMBIQUE</b>	<b>GMPS MOÇAMBIQUE</b>	<b>GMPS REGIONAL</b>	<b>GMMP GLOBAL</b>			
	%	%	%	%			
Cobertura do HIV e SIDA comparado ao total	7	2	2	N/A			
<b>Sub-tópicos</b>	%	%	%	%			
Prevenção	47	18	26	N/A			
Geral	15	50	37	N/A			
Tratamento	9	11	12	N/A			
Cuidados, apoio e direitos	14	8	14	N/A			
Impacto	14	13	12	N/A			
<b>Âmbito geográfico</b>	%	%	%	%			
Internacional	12	0	12	N/A			
Regional	8	20	8	N/A			
Nacional	48	0	56	N/A			
Local	25	35	15	N/A			
<b>Funções das fontes</b>	%	%	%	%			
Funcionário e Agência das NU	55	13	19	N/A			
Sociedade civil e ONGs	20	55	18	N/A			
Especialistas	13	11	17	N/A			
Líderes tradicionais e religiosos	2	13	2	N/A			
Pessoa com HIV/SIDA	4	3	7	N/A			
Pessoa afectada	4	5	36	N/A			
<b>Fontes</b>	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres			
Quem fala sobre HIV e SIDA	34	18	20	N/A			
<b>Repórteres</b>	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres	% Mulheres			
Quem reporta sobre HIV/ SIDA	34	10	37	N/A			



Há uma notória melhoria na proporção das fontes femininas nas notícias em Moçambique, mas existem grandes disparidades entre os órgãos de comunicação social. Ao mesmo tempo que os assuntos sobre a violência de género recebem mais cobertura que a igualdade de género, a cobertura continua a ter uma tendência de ser sensacionalista, com muito pouca informação sobre as campanhas de advocacia e sobre onde se dirigir para obter apoio. O volume de cobertura sobre HIV e SIDA diminuiu em relação aos estudos realizados anteriormente, de 5% no estudo de 2006 para 2% no actual GMPS, e a proporção das vozes das pessoas vivendo com o HIV e SIDA também diminuiu de 4% para 35%, mas aumentou a proporção das vozes de pessoas afectadas, de 2% para 5%.

Estas são as principais constatações do Estudo de monitoria do Progresso do Género e Comunicação Social (GMPS) que teve lugar em Moçambique de 19 de Outubro a 16 de Novembro de 2009 cobrindo 15 órgãos de comunicação, entre televisões, rádios e jornais impressos, onde foram analisados 2789 artigos noticiosos. O estudo é parte de uma pesquisa regional que cobriu 14 países na África Austral e 33 431 itens noticiosos.

O GMPS é um estudo de progresso, na sequência do *Estudo Básico sobre Género e Comunicação Social (GMBS)* realizado em 2003, bem como do *Estudo Básico sobre HIV e SIDA e Género (2006)* e o *Estudo sobre Género, HIV e SIDA e Comunicação Social francófono (2008)*. Também são feitas comparações, onde se apresentam relevantes, com o Projecto de Monitoria Global da Comunicação Social (GMMP), que tem sido realizado a cada cinco anos desde a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres em Beijing em 1995, com o quarto estudo do género realizado em paralelo com este estudo regional em 2010.

Embora o estudo se preocupa mais com o conteúdo da comunicação social, também analisa as dinâmicas de género subjacentes nas estruturas institucionais dos órgãos de comunicação, por exemplo se as mulheres tendem a cobrir certos tipos de notícias mais frequentemente que os homens e vice versa. A este respeito alguns paralelismos são extraídos do *Estudo Tetos de Vidro na África Austral (2009)* que pesquisou onde as mulheres e os homens estão dentro dos órgãos de comunicação. Outro estudo relevante é o *Género no Ensino da Comunicação (GIME)* que decorreu em paralelo ao GMPS, e procurou estabelecer como é que as considerações do género estão reflectidas e integradas na formação em comunicação social.

Também são feitas referências ao *Estudo de Audiência do Género e Comunicação Social (2006)* que procurou entender se existiam diferenças na maneira como as mulheres e os homens acessam e interagem com as notícias, e que implicações esses têm para a cobertura e marketing.

O GMPS teve lugar com o pano de fundo do Protocolo da SADC sobre Género e Desenvolvimento em Agosto de 2008 que estabelece 28 metas a serem alcançadas até 2015, incluindo 50% de representação de mulheres em todas as áreas de tomada de decisão. O protocolo também encoraja os órgãos de comunicação social a assegurar que as mulheres e homens tenham voz igual nos órgãos de comunicação, e que os estereótipos sejam desafiados. Especificamente o protocolo chama por uma sensibilidade do género na cobertura da violência do género, reconhecido como uma área de cobertura particularmente desafiadora. As cláusulas completas do protocolo sobre a comunicação social estão citadas na parte interna da contracapa deste relatório e os aspectos relevantes no relatório.

O GMPS procurou:

- Obter dados básicos sobre a cobertura do género, violência baseada no género, e HIV e SIDA nos órgãos de comunicação social em 14 países da SADC.
- Comparar o desempenho dos órgãos de comunicação social nesses países contra o seu desempenho no GMBS; Estudo Básico sobre o HIV e SIDA e Género e o Espelho sobre a Comunicação Social.
- Usar os dados gerados como uma avaliação geral do impacto do trabalho de política, advocacia e formação sobre HIV e SIDA e género.
- Usar estes dados como a base para o desencadear de políticas de género e resguardar para as políticas de género e HIV e SIDA.

A Gender Links (GL), a Rede do Género e Comunicação Social da África Austral (GEMSA) e o Instituto de Comunicação Social da África Austral (MISA) conceituaram, administraram e coordenaram a pesquisa e as consultas que se seguiram dentro dos países. Os oficiais de informação do MISA participaram na formação; e fizeram parte das equipas de monitoria ao nível nacional bem como disponibilizar espaço e equipamentos para as reuniões e formação.

Comparado com o estudo original do *GMBS*, o *GMPS* incorpora novas características incluindo:

- Uma pesquisa da prática geral da comunicação social, tal como até que ponto os jornalistas dependem de uma única fonte versus fontes múltiplas; fontes primárias versus secundárias, e a proporção de fontes anónimas nas notícias. Isto surge pela observação nos estudos anteriores de que a notícia não é criada num vácuo, e que algumas das deficiências na diversidade estão embebidas na prática jornalística. Isto fortalece o argumento de que mais cobertura atenta ao género não é apenas boa para a democracia, mas também boa para a prática da comunicação social.
- Novos parâmetros, tais como se existem diferenças entre os órgãos de comunicação estatais, privados e comunitários; também a imprensa escrita, rádio e televisão. As funções das fontes (ex: porta-voz, tertemunha ocular, sujeito) são também uma nova dimensão.
- Investigação mais aprofundada das pessoas por detrás da notícia, por exemplo se as mulheres jornalistas tendem a consultar mais as fontes femininas que os homens ou não.
- Um capítulo inteiro sobre a cobertura de dois tópicos que têm colocado desafios particulares: violência do género, HIV e SIDA.
- Os estudos de caso extraídos da monitoria que dão textura às constatações quantitativas são incorporados no relatório nos pontos apropriados.

As principais constatações são as seguintes:

### **Prática da comunicação social**

**Os assuntos sobre igualdade do género são pouco reportados na comunicação social Moçambicana:** dos 2789 itens noticiosos monitorados, apenas 3.5% desses tratavam da igualdade do género. Esta percentagem é relativamente superior em relação à média na região, que é de 1%.

**As mulheres são pouco procuradas como fontes de notícias:** apenas 14% das fontes de notícias são mulheres, e os restantes 86% das fontes são homens - ligeiramente abaixo da média na região da SADC onde as mulheres constituem apenas 19% das fontes de notícias, e os homens dominando com 81%.

A revelação sobre a participação das mulheres como fontes de notícias nos órgãos de comunicação em Moçambique, confirma as constatações feitas no GMBS, em que elas constituíam 15% das fontes de informação.

**A STV se apresenta como o órgão de comunicação que mais acessou as mulheres como fontes de**

**notícias, com 20%, seguido da Televisão de Moçambique (TVM) e SAVANA, ambos com 19%.** Os que menos procuram as mulheres como fontes de notícias foram a Rádio Terra Verde e a Voz Coop, ambos acessaram as mulheres em apenas 4% dos seus itens noticiosos.

**Não existe uma variação significativa entre os órgãos de comunicação do sector público e privado, ambos com 14% de fontes femininas.** Os órgãos de comunicação comunitários são os que menos mulheres acessam como fontes de informação, resultando numa participação de apenas 4% de fontes femininas, contra os 22% da média da região da SADC.

**Os órgãos de comunicação social Moçambicanos dependem maioritariamente de fontes primárias:** 57% das fontes de notícias na comunicação social moçambicana são primárias, contra 43% de fontes secundárias, quando a média regional é de 69% para fontes primárias e 31% para fontes secundárias. A TVM e a STV são os órgãos de comunicação que mais usam fontes primárias nas suas produções noticiosas, com 87% e 86% respectivamente, seguido do semanário Domingo e Rádio Miramar, com 83% e 82% de fontes primárias. Os jornais O País, Diário de Moçambique e Notícias são os que mais dependem de fontes secundárias, com 70%, 50% e 50%, respectivamente.

**A maioria esmagadora das fontes de notícias em Moçambique são identificadas,** numa proporção de 83% contra 17% de fontes anónimas. Esta realidade é semelhante à da região da SADC onde em média as fontes identificadas constituem 82% contra 18% de fontes anónimas. Os órgãos de comunicação de rádio e televisão são os que mais fontes identificadas usam, em contraste com os da imprensa escrita.

**Os órgãos de comunicação social em Moçambique usam maioritariamente fontes singulares** nas suas histórias, numa proporção de 73% em relação às fontes múltiplas que constituem 27%. Ao nível regional a maioria dos órgãos de comunicação usam mais fontes singulares, numa proporção de 67% em relação às fontes múltiplas (33%). A predominância de fontes singulares pode propiciar a afluência de fontes masculinas que são geralmente as que assumem as posições de decisão nos vários sectores. A comunicação social tende a dar mais voz às pessoas que tomam decisões (que são geralmente homens) e não aos que são afectados por essas decisões (que são as mulheres).

O semanário *Zambeze*, a STV e a TVM são os órgãos de comunicação que mais equilíbrio apresentam

em relação às fontes singulares e múltiplas, com 45% de fontes múltiplas para ambos *Zambeze* e *STV*, e 60% na *TVM*; e 55% de fontes singulares no semanário *Zambeze* e *STV*, e 40% na *TVM*.

Os órgãos de comunicação radiofónicos: Rádio Moçambique (96%), Rádio Miramar (99%), Rádio Voz Coop (99%) e Rádio Terra Verde (100%), e a televisão TIM (98%) usam quase que exclusivamente fontes singulares nos seus serviços noticiosos.

## **Género nos conteúdos da comunicação social**

***Os homens dominam em todos os tópicos de notícias, mas as vozes femininas são mais ouvidas nas notícias sobre*** sexo e sexualidade (100%), habitação (39%), assuntos ligados a crianças (38%), violência de género (33%), e praticamente ausentes nos assuntos sobre comunicação social e etretenimento, desporto, mineração, educação, política e economia, tópicos dominados pelos homens numa proporção de 100%, 97%, 96%, 91%, 89%, e 89%, respectivamente. O único tópico de notícia em que as mulheres tem voz igual em relação aos homens é sobre habitação, com 50% de fontes femininas e 50% de fontes masculinas.

***A maior parte das vozes de mulheres que são ouvidas nas notícias são de*** populares, testemunhas oculares e pessoas que contam experiências pessoais, numa proporção de 30%, 25% e 18%, respectivamente. Enquanto que a maior parte dos homens que são ouvidos nas notícias são sujeitos e porta-vozes, ambos numa proporção de 88%, e como especialistas/comentadores (86%). A nível da região da SADC as vozes femininas também aparecem mais como testemunhas oculares (32%), experiência pessoal (28%) e como opinião popular (18%).

***As vozes femininas são mais predominantes nas idades mais jovens,*** e vão desaparecendo à medida que a idade vai aumentando. Em todas as faixas etárias as vozes das mulheres são mais ouvidas, menos na faixa dos 50-64 anos, onde as vozes dos homens (39%) superam as das mulheres (18%). Esta tendência é similar à da região da SADC, onde as mulheres são acessadas como fontes preferenciais na idade jovem e desaparecem das notícias quando atigem a idade mais adulta.

***Existem algumas categorias profissionais onde as mulheres são ouvidas nas notícias,*** nomeadamente as trabalhadoras do sexo, numa proporção de 80%. Nesta categoria os homens aparecem numa percentagem de 20%. A única categoria profissional em que as mulheres e os homens que falam na comunicação social é

equilibrada, é a categoria de modelos de beleza, com 50% de mulheres e 50% de homens. A categoria profissional de mineiros é ocupada exclusivamente por homens, e as categorias profissionais de desportista (98%), jornalista (96%), figuras religiosas (94%), políticos (93%), são dominadas por homens.

***As fontes femininas são mais identificadas na base da sua relação de parentesco,*** nomeadamente como esposa de, filha de, etc. Esta tendência verifica-se na mesma proporção ao nível da região da SADC.

Isto revela que a comunicação social não trata as fontes femininas com base nas suas próprias identidades e personalidades, mas sim, procura sempre associá-las a alguém como se elas não existissem sem esse alguém. Esta é uma das formas de estereótipo de género.

## **Género nas redacções**

***Há poucas mulheres a produzir notícias nos órgãos de comunicação em Moçambique.*** Apenas 18% dos repórteres dos órgãos de comunicação social são mulheres, contra a maioria de 82% de homens. A maioria dessas mulheres são encontradas na *STV*, *Notícias* e *TVM*, com 37%, 34% e 33% de mulheres repórteres respectivamente.

***Existe uma clara divisão de género nas áreas de cobertura jornalística.*** Os assuntos sobre violência doméstica são mais cobertos por repórteres mulheres numa proporção de 60%, seguindo-se os assuntos de religião e crianças, ambos numa proporção de 50%. As mulheres continuam a reportar menos nas áreas de política, economia, crime e desporto, mas nota-se uma evolução em relação ao GMBS.

***As mulheres estão mais na apresentação que na reportagem.*** Enquanto que na reportagem elas representam apenas 18%, na categoria de apresentador as mulheres estão presentes numa proporção de 38%.

***Ter mulheres nos cargos superiores de direcção não resulta necessariamente em mais vozes femininas serem ouvidas na comunicação social.*** As mulheres constituem 17 dos gestores de topo, mas elas representam apenas 14% das fontes.

***Mas ter mais mulheres jornalistas faz diferença:*** As maioria das fontes femininas foram contactadas por repórteres mulheres, numa proporção de 26% enquanto que os repórteres homens apenas acessaram 14% das fontes feminina.

## Violência baseada no género

**A violência baseada no género é real mas não aparece na comunicação social.** Do total dos itens noticiosos monitorados, apenas 2% das histórias eram sobre violência baseada no género. Esta realidade é a mesma ao nível da região da SADC onde a média de cobertura dos assuntos sobre a violência baseada no género é de apenas 4%.

**As histórias sobre a violência baseada no género mais comuns são** sobre as respostas políticas ou legislativas ao problema, em 13%, estupro e violência doméstica, ambos em 11%. Ao nível regional estes temas foram também abordados nesta mesma proporção. As acções de advocacia, violência de género e HIV e SIDA, femicídio, são os temas menos abordados pela comunicação social Moçambicana.

**Os homens é que mais reportam sobre a violência baseada no género.** Apesar de reconhecido o facto de que a violência baseada no género afecta mais às mulheres, os homens é que mais reportam sobre sobre o assunto na comunicação social em Moçambique, numa proporção de 79% contra 21% de histórias reportadas por jornalistas mulheres. A STV e a Rádio Miramar são os órgãos de comunicação que mais falaram sobre violência baseada no género ao longo do período em análise.

**As vítimas da violência baseada no género raramente falam das suas experiências.** A maior parte das fontes das histórias sobre a violência baseada no género são especialistas, na ordem de 63% dos casos, enquanto que as vítimas ou sobreviventes da violência baseada no género constituem apenas 19% das fontes de notícias sobre este assunto.

## HIV e SIDA

**O HIV e SIDA é uma das principais preocupações do momento em Moçambique, mas este assunto não tem merecido uma cobertura proporcional nos órgãos de comunicação.** Dos 2789 artigos noticiosos monitorados ao longo do período em análise, apenas 2% é que era sobre HIV e SIDA. A

proporção da cobertura sobre o HIV e SIDA nos órgãos de comunicação social em Moçambique é a mesma ao nível da região da SADC (2%). A TIM (7%), a rádio Terra Verde e a rádio Voz Coop, ambos com 4%, são as que mais cobertura deram ao assunto HIV e SIDA.

**Os homens dominam o debate sobre o HIV e SIDA.** Apenas 18% das pessoas que falam sobre o HIV e SIDA em Moçambique são mulheres. O mesmo acontece ao nível da região da SADC onde as fontes femininas nas histórias sobre o HIV e SIDA constitui apenas 20%.

**As pessoas vivendo com o HIV e SIDA estão ausentes das notícias,** apenas 3% das fontes de notícias sobre HIV e SIDA, um ponto percentual a menos em relação aos resultados do estudo básico sobre o HIV e SIDA, e muito abaixo da média regional que é de 41%. As histórias sobre esta pandemia é contada por organizações da sociedade civil e ONGs, numa proporção de 55% das notícias.

## O Processo

Diferentemente do GMBS em que o estudo foi lançado em cada país, os rascunhos dos relatórios do GMPS e GIME foram submetidos a discussão num workshop nacional em Agosto de 2010 antes de serem finalizados e lançados na Quarta Cimeira sobre Género e Comunicação Social em Outubro de 2010, realizada sob o dístico “Fazendo o Balanço: Género, Comunicação Social, Diversidade e Mudança”. Este engajamento com os relatórios permitiu maior profundidade e contribuições.

## Principais recomendações

As constatações dos relatórios do estudo Tetos de Vidro (género nos órgãos de comunicação) e do GMPS (género nos conteúdos da comunicação social) vão ser usadas para dar um maior ímpeto à mobilização para a instituição de políticas de género nas redacções, com uma meta inicial de cem políticas de género, nos órgãos de comunicação social em toda a região até 2011.